

A INVENÇÃO DA GINÁSTICA NO SÉCULO XIX: MOVIMENTOS NOVOS, CORPOS NOVOS¹

Dr. GEORGES VIGARELLO

Université de Paris V
École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS)

Tradução: MARIE-SOPHIE T. R. CAMARÃO

Revisão técnica: CARMEN LÚCIA SOARES

RESUMO

Este artigo analisa uma profunda ruptura da tradição surgida na Europa entre os anos de 1810 e 1820, uma ruptura marcante, profunda, que inicia práticas ainda pouco difundidas e sugere uma renovação completa da visão dos exercícios físicos, assim como uma renovação total da visão do corpo, isto é: o trabalho físico totalmente inédito proposto em alguns ginásios inaugurados em Londres, Paris, Berna ou Berlim. Essa originalidade é grande por serem as ações objetos dos efeitos mensuráveis e calculados, produtores de forças previsíveis e contabilizadas. Esse novo trabalho físico perturba todos os modelos existentes, mesmo o seu início tendo sido modesto, sua difusão limitada e seu reconhecimento comedido. Nenhum entusiasmo específico, nenhum movimento em grande escala em torno desse nascimento, todavia, seus efeitos transformaram, em um certo momento, os aprendizados das escolas e das forças armadas.

PALAVRAS-CHAVE: História da ginástica; corpo; movimentos mensuráveis.

1. Este artigo foi publicado originalmente no livro organizado por G. Vigarello sob o seguinte título: *Anthologie des textes historiques de l'education physique et du sport*. Paris: Éditions EPS, 2001.

Uma ruptura da tradição surgiu entre os anos de 1810 e 1820, uma ruptura marcante, profunda, iniciando práticas ainda pouco difundidas, sugerindo uma renovação completa da visão dos exercícios físicos, assim como uma renovação total da visão do corpo, isto é: o trabalho físico totalmente inédito, proposto em alguns ginásios inaugurados em Londres, Paris, Berne ou Berlim. Essa originalidade é grande por serem as ações objetos dos efeitos mensuráveis e calculados, produtores de forças previsíveis e contabilizadas, quanto, pelo fato de os números não apresentarem nenhuma relação com aqueles obtidos nas corridas e nas festas da Revolução². Esse novo trabalho físico perturbava todos os modelos existentes, mesmo seu início tendo sido modesto, sua difusão limitada e seu reconhecimento comedido. Nenhum entusiasmo específico, nenhum movimento em grande escala em torno desse nascimento, todavia, seus efeitos transformaram, em um certo momento, os aprendizados das escolas e das forças armadas.

CORPO PRODUTIVO, MOVIMENTOS CONTABILIZADOS

A maneira pela qual Clias, diretor do ginásio de Berna, evoca, em 1815, os resultados obtidos por um dos seus alunos ilustra, em poucas palavras, a nova visão do corpo. A criança obtém resultados medidos e comparados ao longo do tempo:

A força de pressão de suas mãos dobrara (em cinco meses); com seus braços, ele se erguia a três polegadas do chão, e ficava assim, suspenso, durante três segundos; ele saltava três pés de largura, percorria cento e sessenta e três passos em um minuto e carregava, neste mesmo período de tempo, um peso de trinta e cinco libras sobre seus ombros [- um ano depois -] ele saltou, com impulso, seis pés de largura e percorreu quinhentos passos em dois minutos e meio (Buche, Trélat, 1825, p. 306).

Constatações aparentemente sumárias, porém determinantes, que permitem pela primeira vez apreciar não somente performances, mas, ainda, capacidades corporais conforme as unidades de medidas comparáveis universalmente.

-
2. Revolução Francesa (1789-1793): Robespierre, um grande líder da Revolução, organizava "festas republicanas" no Campo de Marte, em Paris, com corridas, danças etc. O século XIX passou por sete regimes: Consulado até 1804; I Império com Napoleão I até 1814; Restauração da Monarquia Constitucional com Luis XVIII; os "Cem Dias", volta de Napoleão I da Ilha de Elba, até a Batalha de Waterloo em junho de 1815; volta da Monarquia com Luis XVIII até 1824; seu irmão Charles X lhe sucede até julho de 1830; Revolução de julho "As três Gloriosas": 27, 28 e 29 de julho, e Monarquia de julho com "o rei dos franceses", Luis Filipe I, até 1848; Revolução e Proclamação da segunda República; Luis Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I, é nomeado presidente. Após um golpe de estado, Luis Napoleão torna-se Napoleão III, o período é o segundo Império, até 1870, com a guerra franco-alemã e a Proclamação da terceira República.

Apenas o dinamômetro, inventado por Régnier, no fim do século XVIII, permitia a avaliação, em quilogramas, das forças exercidas sobre esse instrumento: sua mola, inalterável e graduada, transpõe em números a potência dos músculos. Graças ao mesmo, Péron estabeleceu tabelas sugestivas durante sua viagem ao redor do mundo em 1806: os homens do continente austral mostravam-se inferiores aos homens oriundos da Europa; os selvagens mal alcançavam 50 quilos com a pressão das mãos no dinamômetro, enquanto que os marinheiros ingleses ou franceses alcançavam ou ultrapassavam 70 quilos (Perón, 1807, p. 449). Na verdade, pouco importa o resultado. A novidade se encontra na comparação das unidades transponíveis: as medidas produzidas pelo trabalho muscular. Essas medidas são aqui mais relevantes ainda, pois não se limitam somente às capacidades de transporte, como já as puderam calcular Désaguliers ou Buffon (Vigarello, 2000, p. 72-73) no século XVIII, ou às velocidades de corridas estabelecidas pela tabela do Anuário³ da República (Guillerme, 1980). Elas se estendem às mais variadas categorias de movimento. Tais como essas medidas evocadas por Amoros, diretor do ginásio parisiense, em uma lista tão diversificada quanto picaresca: pressão das mãos, força dos rins, forças de tração, de impulso e de sustentação (Amoros, 1830, p. 70 e ss.). Amoros multiplica as medidas e as comparações a ponto de registrar regularmente as *performances* de cada um de seus alunos, passando o vigor em registros e tabelas, distribuindo notas e julgamentos. Decorrem daí suas conclusões após os aprendizados do Duque de Bordeaux⁴, que frequentava o ginásio no início dos anos de 1830: “O progresso das forças é extraordinário! Sua soma total é mais do que duplicada, apesar da interrupção dos exercícios devido ao mau tempo, e apesar de sua altura real ter seguido somente quarenta e seis aulas” (Amoros, p. 327). Sentença de cortesão, sem dúvida, mas um recurso definitivo aos números: a força física tem que ser calculada, seus progressos devem ser comparados.

O dinamômetro vai ganhando prestígio, e por volta do início do ano de 1830 se difunde para além das fronteiras do ginásio. Penetra nas feiras das províncias, nos jogos dos campos, aventura-se por debaixo das lonas dos circos itinerantes, armados nos corações das cidades. Daumier representa esses fatos em “Les français peints par eux-mêmes” (“Os franceses retratados por eles próprios”) (1841, p. 130) e La Bédollière comenta o seu uso entre os saltimbancos da Monarquia de Julho: “Batam neste tempo em linhas verticais ou horizontais, encostem sua espinha dorsal nesta almofada, vocês poderão ver surgir do dinamômetro um Hércules de madeira pintada, com o qual vocês

3. 1 República (1792) – após a abolição da monarquia.

4. Pretendente ao trono em 1848 para a Monarquia de Julho, porém sua teimosia em querer conservar a bandeira branca (bandeira dos reis até a Revolução Francesa) levou o Duque de Orleans a tornar-se rei com o nome de Luis Filipe I (Monarquia de Julho, 1830-1848).

terão a chance de se comparar”(Bédolière apud Daumier, 1841, p. 133), o que vem confirmando o quanto se populariza a visão das forças do corpo, mais bem comparadas por serem contabilizadas. O que confirma, também, a expectativa nova das medidas de recursos físicos que permaneceram por tanto tempo empíricos ou confusos.

Agrega-se a tudo isso a atração de uma energia imaginária: a comparação, por exemplo, entre a quantidade de trabalho produzido e o tipo de alimentação absorvida; a insistência sobre a quantidade de tarefas realizadas relacionadas à quantidade de um regime à base de carne, em particular. Observamos os cálculos do Barão Dupin em 1826, recuperados pelos primeiros ginastas: “Um operário inglês come mais de 178 quilos de carne por ano, enquanto que um francês come apenas 61 quilos; é por isto que os primeiros trabalham muito mais” (Amoros, 1834, p. 362). Uma imagem nova exige agora o recurso às comparações numéricas: a imagem de um corpo similar a um motor, órgãos restituindo mecanicamente a energia recebida. E essa imagem começa a ser explorada pela economia rural, quando evoca o motor animal: “A quantidade de trabalho que é possível obter de um animal, no transcurso de um ano, sem alterar o seu vigor e sua saúde, depende principalmente de sua massa, de sua energia muscular e do regime que lhe é dado” (Bailly, Bixio, Malpeyre, 1835, p. 432).

Imagem ainda vaga: a combustão alimentar continua perceptível mais do que analisada, razão pela qual as correlações são tão menos precisas. Imagem fluída também, pois o papel da respiração é mais acentuado do que explorado. As antigas experiências de Lavoisier não são nem perseguidas nem aprofundadas (Lavoisier, 1790): a troca do ar não é confrontada diretamente com o trabalho. Amoros chega a evocar a “força do fôlego” ou os “recursos pulmonares”, mas julga a prática do canto o suficiente para desenvolver a resistência da respiração: “Não poderíamos concluir de tudo isto que a prática do canto é um meio real de fortalecer o tórax delicado de jovens com pulmões enfraquecidos?” (Amoros, 1834, p. 108). Disso decorrem esses exercícios realizados salmodiando hinos e esses manuais de “cânticos” (cf. Amoros, 1834) que acompanham inevitavelmente os manuais do ginasta. Daí também essa certeza que deposita uma estranha eficácia nas batidas sobre o tórax para reforçar os músculos de uma forma passiva. A alusão aos pulmões é presente, até insistente, porém, não se refere à sua função. A alusão ao trabalho é igualmente presente, nova com suas unidades produzidas e consumidas, porém, não há referência ao seu mecanismo íntimo: a energética é mais pressentida do que inventada.

UMA MECÂNICA DOS MOVIMENTOS

A verdadeira novidade nesse início de século consiste na análise do movimento: o cálculo das forças produzidas, assim como o cálculo das velocidades e dos tempos.

Clias evoca o número de passos percorridos em um minuto, com a finalidade de melhor discernir as performances, “por exemplo, 900 passos em um minuto e dois segundos” (Clias, 1843, p. 144), para o seu melhor aluno no ano de 1818. Amoros organiza seus exercícios para aumentar sempre o número de ações por unidade de tempo: “Serão efetuados 200 passos ou movimentos por minuto para chegar a executar 4000 passos em vinte minutos; isto produzirá, num cômputo de três pés por passo, quando aplicado no campo, uma légua de 1200 pés em vinte minutos que levará a executar três léguas por hora”(Amoros, 1834, p. 144). O tema central é certamente o da eficácia mensurável, aquela traduzida pelas forças musculares, pelas velocidades e regularidades. A ginástica é instrumentalizada com a finalidade de multiplicar os números, ela se reestrutura com muita precisão para transformá-los em performances e melhorar os índices: o corpo deve produzir resultados que podem ser vistos, aferidos entre si, figuráveis no rigor de uma tabela. Surge, então, essa possibilidade totalmente nova de transpor cada performance em uma escala abstrata, possibilidade que permitirá intermináveis comparações.

O tema da eficácia aprofunda-se de acordo com as mudanças dos conteúdos conhecidos: a ginástica não mais sugere apenas resultados, inventa gestos, recompõe exercícios e encadeamentos. Ela cria, em particular, novas hierarquias de movimentos: do mais simples ao mais complexo, do mais mecânico ao mais elaborado, reinventando, parte por parte, progressões e seqüências. Ela multiplica os gestos quase abstratos reduzidos à sua mais simples expressão dinâmica – aquela de um deslocamento de alavanca – para recompô-los num conjunto sempre mais amplo: “Os movimentos elementares são para a ginástica aquilo que a arte de soletrar é para a leitura” (idem, p. 127). Em outras palavras, essa ginástica do século XIX explora “o movimento parcial”, aquele cuja mobilidade se limita a uma única articulação óssea: extensão da perna ou do braço, circundação do ombro ou dos quadris, inclinação da cabeça ou do tronco. Movimentos que os novos manuais traduzem por séries numeradas de exercícios localizados. A ação não mais atua diretamente sobre os objetos, ela já não visa uma transformação das coisas e sim ambiciona uma primeira e exclusiva transformação do corpo; ela é a ação que aperfeiçoa o músculo antes de ser aquela que aperfeiçoa o gesto. Daí decorre o objetivo focalizado sobre o efeito especificamente orgânico mais do que o efeito espacial, ou seja, esse modo de orquestrar deslocamentos abstratos de membros do corpo, antes mesmo de orquestrar os atos. Esses “movimentos simples” (Julien, 1812, p. 275), segundo Pestalozzi, “movimentos preparatórios”, segundo Clias (1843, p. 53), ou “movimentos elementares”, segundo Amoros (1834, p. 233), constituem um programa interminável de aprendizagens sequenciais que estabelece uma nova disciplina no universo pedagógico. Dessas técnicas novas decorrem, então, aprendizagens que vão além da ginástica, como, por exemplo, aquelas dos bailarinos: “Se eu tivesse que formar uma escola de dança, com-

poria uma espécie de alfabeto de linhas retas que compreenderia todas as posições dos membros ao dançar, e daria até mesmo a essas linhas e as suas combinações os nomes que elas possuem na geometria” (Blasis, 1830, p. 103).

Porém, é necessário relacionar essas mudanças a outras mais amplas suscetíveis de esclarecê-las, que pressupõem uma lenta inflexão da cultura do corpo que somente o contexto social ou econômico permitem entender. Uma comoção insensível, mas profunda, da imagem do trabalho em particular, isto é: a vontade muito marcada (entre o fim do século XVIII e o início do século XIX) de calcular capacidades, com a finalidade de obter um melhor rendimento e o desejo de medir os movimentos para melhor economizá-los. Dispositivos industriais embrionários impõem já uma estrita fiscalização dos movimentos e dos custos: a incansável repetição de atos especializados e precisos para manufaturar os objetos “fabricados”, dos quais fala o Barão Dupin na sua “*mécanique des arts et métiers*” (“mecânica das artes e ofícios”) (Dupin, 1826, p. 125). Esses trabalhos bem mais reduzidos do que antes “a um pequeno número de movimentos” (Courtin, 1823, p. 28) são citados pela *Encyclopédie moderne* (*Enciclopédia moderna*), em 1823. Tais projetos visam, evidentemente, a uma organização de conjunto das oficinas.

O movimento humano decomposto leva sua mecânica a concorrer com uma mecânica mais ampla; o esforço é separado da habilidade para ser submetido a muitos outros empreendimentos: “Esta vantagem pode ir muito além nos grandes estabelecimentos... onde é necessário fornecer uma atenção escrupulosa no cálculo da duração de cada tipo de ocupação, para proporcioná-los ao número determinado de operários que lhe são destinados, ninguém jamais permanece ocioso e o conjunto atinge o máximo de velocidade” (Dupin, 1826, p. 128-129). A ginástica concorre com esse projeto explícito, desenvolvendo a “destreza” por meio de uma “disposição precisa das forças” (Clais, 1843, p. XIV). Esse fato é percebido logo no início do século por Pestalozzi, ao propor a aprendizagem de “movimentos simples” para favorecer “a aptidão ao trabalho” (apud Soétard, 1987, p. 70), chegando mesmo a pensar em até “1.000 exercícios diferentes para os braços” (Laty, p. 209). Impõem-se igualmente a esse projeto explícito as comparações, sempre mais freqüentes, entre a eficácia dos movimentos orgânicos e a eficácia dos movimentos maquinais: por exemplo, a consideração paralela e a hierarquia realizada entre a eficiência do serrador e a eficiência da serra mecânica (*Dictionnaire de l’industrie manufacturière*, 1843, p. 101). As gravuras das enciclopédias, através das suas composições após algumas décadas, ilustram essas renovações. As mãos do operário ou do artesão, bastante presentes nas pranchas da “*Encyclopédie*” de Diderot na metade do século XVIII, os dedos ágeis que ocupam uma parte do quadro para acentuar a habilidade dos gestos, apagam-se na *Encyclopédie moderne* (*Enciclopédia moderna*) de Courtin, em 1823. O trabalho mecânico começa a prevalecer em relação ao trabalho de habilida-

de. A física prevalece em relação à agilidade, a medida ao tato. O conjunto dos registros corporais oscila, favorecendo movimentos geométricos explicitamente orquestrados, rigorosamente medidos e precisos.

O programa da ginástica dos anos de 1820 compreende, em paralelo, tanto conteúdos militares ou medicinais, quanto uma “ginástica civil e industrial” (Amoros, 1834, p. 10).

A INVENÇÃO DE UMA PEDAGOGIA

O programa comporta, ainda, uma “ginástica ortopédica” igualmente reveladora: um conjunto de movimentos suficientemente precisos, uma mobilização dos músculos suficientemente individualizados para pretender corrigir as curvaturas errôneas do corpo. O que vem confirmando uma descoberta: a de um espaço corporal totalmente atravessado por lógicas mecânicas, a de atos musculares totalmente pensados em razão do seu efeito localizado. “É evidente que a maioria das deformidades provenientes da debilidade geral do sujeito ou da distribuição desigual das ações musculares, podem seguramente ser curadas: por um lado aumentando a energia do organismo e por outro eliminando com exercícios apropriados os efeitos nocivos produzidos pelos hábitos anteriores” (Fournier-Pascay, Begin, p. 121). O movimento se simplificou de tal forma e os músculos foram tão corretamente distribuídos que uma ortopedia foi se criando a ponto de engendrar ginásios, máquinas e instituições. Estabelecimentos de tratamentos são constituídos em Paris, Lyon, Marseille ou Bordeaux, nos anos de 1820-1830, sugerindo a possibilidade de retificar a aparência daqueles cujas formas foram desfavorecidas pela natureza (Vigarello, 2000, p. 88-89).

Característica ainda, é a máquina inventada por Pravaz, em 1827: “o balanço ortopédico”. O aparelho compreende uma série de roldanas diferentemente orientadas, puxadas por um sujeito localizado em uma plataforma inclinável. Sem dúvida, um dispositivo totalmente artificial, porém, pensado exclusivamente para selecionar e ativar cada músculo conforme a má formação da curvatura vertebral a corrigir. A forma dos movimentos retesados, o sentido dado à direção das roldanas, a inclinação imposta à posição dos pés, a linha do quadril e o modo de colocar os braços são modificados de acordo com as solicitações para melhor finalizar e diferenciar os exercícios úteis. A ortopedia dispõe repentinamente de teorias: ela se torna uma disciplina. Sem dúvida um empreendimento modesto, todavia mostra melhor do que outros a revisão total e possível na organização dos exercícios e dos movimentos do corpo.

De um modo mais amplo, a nova ginástica sugere a possibilidade de reviravolta nos aprendizados escolares, adaptados como nunca foram ao espaço e ao tempo de aula e favorecendo como nunca os dispositivos de grupos e os exercícios coletivos. Seus

princípios de desmembramento orientam e orquestram uma certa pedagogia: “É indispensável estabelecer uma disciplina e determinados comandos militares a fim de tornar possível a execução simultânea da maior parte dos exercícios elementares” (Clias, 1843, p. 44). Quanto mais regradas forem as ordens dadas aos alunos, tanto mais controlados e precisos serão os movimentos, e os programas mais bem definidos na medida em que as progressões forem se transformando em seqüências. A aula se torna um dispositivo geometrisado cuja nova exploração é avaliada pelos pedagogos da metade do século: “os exercícios simultâneos têm, não somente, a vantagem de exigir dos alunos o maior silêncio, como também fazê-los manter o hábito de uma atenção constante e de uma rápida obediência, hábito que, em pouco tempo, aprenderão a manter nas aulas” (Docx, 1875, p. 177). Não que a escola adotasse de imediato essa prática, mas pelo menos ela se encontra nitidamente informada, por volta dos anos de 1830. O manual de Maeder faz menção acentuada dessa prática em 1833 (Maeder, 1833, p. 117), assim como o faz o *Cours Normal* (*Curso Normal*) de Gérando em 1832, não deixando esquecidos “os passos regrados de marcha” ou “os exercícios de conjunto e as diversas evoluções executadas em perfeita harmonia” (Gérando, 1832, p. 43).

UMA LENTA DIFUSÃO

Sem dúvida alguma, essa primeira ginástica produziu um impacto social além dos projetos escolares ou das ligações com as forças armadas e a indústria. Relatórios lisonjeiros acompanham as primeiras experiências de Amoros e assinaturas de autoridades médicas, militares ou políticas lhes asseguram uma legitimidade: Os desejos se juntam se juntam para ver o ginásio conduzido a seu estado de perfeição, conforme as idéias e os planos do Sr. Amoros, e todos aplaudiram primeiras disposições do governo em prol de uma instituição que honra tanto seus protetores como aquele que a fundou ⁶.

Algumas personalidades de destaque frequentam o estabelecimento “amorosiano”: Balzac, entre outros, que evoca “a agilidade, a força [...] pintadas na porta do Ginásio-Amoros” (Defrance, 1987, p. 67) ou que descreve em “Un ménage de garçons” (“Um casal de rapazes”) alguns jovens de Issoudun, heróis de surpreendentes força, “ágeis como os alunos de Amoros, audazes como aves de rapina, habilidosos em todos os exercícios” (Balzac, 1867, p. 25-26), desaparecendo em escaladas impossíveis ou fugas

6. “Extraído do processo da sessão geral que teve lugar no ginásio normal, militar e civil em 29 de dezembro de 1820” (Amoros, 1821, p. 88). Assinam, entre outros, esse documento: De jorry, oficial geral; Begin, cirurgião adido major dos hospitais militares de instrução; Morin, diretor da escola da rua Loius-le-Grand; Londe, médico; Fournier-Pescay, secretário do Conselho de Saúde das Forças Armadas.

inauditas nas ruas da cidade. Amoros consegue, entretanto, mandar construir um segundo ginásio em 1834, no número 16 da Rua Jean Goujon, após ter sido nomeado “inspetor dos ginásios de regimentos” em 1831. Suas visitas às províncias, em torno dos anos de 1830, confirmam a existência desses ginásios militares em Montpellier, Metz, La Flèche e Saint-Cyr (Spivak, 1970, p. 19-20). Os temas da ginástica invadem os textos de uso cotidiano, os dicionários, as enciclopédias, os livros de higiene. A ginástica é objeto de um regulamento militar que a torna obrigatória em 1836. Ela triunfa nas obras de entretenimento e de jogos. Ela provoca ilustrações e comentários. Ela seduz. É daí que vem a insistência de Simon, em *Hygiène appliquée à l'éducation de la jeunesse (Higiene aplicada à educação da juventude)*, em 1827: “Deveria existir em todos os internatos um dinamômetro armado, de modo que os alunos pudessem exercitar a força dos seus diferentes músculos” (Simon, 1827, p. 219).

A prática é mais difícil de ser estabelecida concretamente. Os ginásios civis e militares perdem todas as subvenções do Estado a partir de 24 de janeiro de 1838. O diretor Amoros é impedido de exercer suas funções no ginásio, afastado de seu posto e colocado em “inatividade”⁷, por ser objeto de testemunhos e relatórios reticentes: “não se pode esperar alguma coisa boa de um estabelecimento cujo chefe está tomado por um tal espírito de desordem”⁸. Conflitos de autoridade adornam a existência do ginásio da praça Dupleix – pedidos intempestivos de seu diretor, um oficial espanhol que veio à França com o exército de Napoleão, podem ter irritado as autoridades governamentais. “[...] Um mal-entendido pôs freio à compreensão destes primeiros exercícios: o recurso a máquinas maciças e dispendiosas como: mastros, pórticos, muros, barras de todos os tipos, camas elásticas, planos inclinados [Amoros, 1834], todos produzidos para aumentar a especificidade ou a instrumentalização dos espaços da ginástica, todos produzidos para surpreender mais do que convencer; entretanto a verdadeira descoberta estava alhures, na análise e na prática “anatômica” dos movimentos. Por isso esta abundância instrumental e onerosa, estas montagens de aparelhos complexos, este luxo dispendioso de máquinas e de andaimos cuja finalidade principal parece ser de deslumbrar os olhos” (Londe, p. 431, t. I.)⁹.

Mais profundamente surge uma convicção, mesmo sem dar origem a uma prática ampla, o ginásio convence, impressiona, sem que se introduza, nas primeiras décadas do

7. Ver os Arquivos Históricos e Administrativos do Ministério das Forças Armadas. Dossier individual do coronel François Amoros.

8. Aviso do conde Pujol, comandante da primeira divisão militar, primeiro de outubro de 1837, Arquivos Históricos e Administrativos do Ministério das Forças Armadas.

9. Essas reticências de Londe são ainda mais importantes tendo em vista que o autor foi um defensor de Amoros.

século, uma verdadeira mudança de hábitos e comportamentos. Ao projeto do Estado de construir uma série de estabelecimentos de ginástica opõe-se a dificuldade de assegurar seus financiamentos e ainda de constituir sua administração. Regulamentos militares ou escolares da primeira metade do século XIX anunciam, sobretudo, uma mudança de visão e não de prática. Essa visão anuncia uma nova maneira de mobilizar os grupos coletivos idealizando um trabalho físico em conjunto; uma nova maneira de exercer uma influência em massa, de assegurar, como menciona Carnot em 1848, “o desenvolvimento físico das classes trabalhadoras” (Meunier, 1980, p. 128). Os benefícios visíveis vinculados à prática sistemática da ginástica abrem espaço a uma exploração pedagógica que vai se tornando mais insistente após os anos de 1850/1860: “Uma Escola Normal Militar de Ginástica” prepara, a partir de 1852 (Spivak, 1981, p. 172), monitores para os ginásios de “divisões” e de “regimentos”, enquanto as forças armadas incorporam 40.000 jovens rapazes dos 200.000 a 300.000 que completam 20 anos em 1856 (Defrance, 1987, p. 61). A Lei Falloux de 1850 torna possível, mas não obrigatório, o ensino do “canto” e da “ginástica” nas escolas primárias. As escolas primárias do Segundo Império são diretamente “encorajadas” a criar seus ginásios. Hillairet que vai visitá-las em nome do imperador em 1868, congratula-se de algumas iniciativas remarcáveis. Ele cita como uma vitória os “242 ginásios [...] organizados pelas escolas primárias do Departamento da Aisne” em 18 meses, entre 1867 e 1868 (Hillairet, 1869, p. 29). Pequenas instalações, modestas a bem dizer, limitadas na maioria das vezes aos pátios, munidas de alguns pesos, barras ou bastões com ferro, acolhem um novo aprendizado. Os equipamentos leves prevalecem sobre as máquinas pesadas e os exercícios metódicos sobre os exercícios perigosos. Chega-se, portanto, pela invenção dessa ginástica a novos movimentos, a um novo corpo.

The invention of gymnastic in the 19th century: new movements, new bodies

ABSTRACT: This article analyses a deep change in body exercises produced by a tendency born in Europe between 1810 and 1820. A deep break marked by the use of gymnastic practices little spread up to then, which led to a completely different vision of the human body. These consisted of different workout practices developed in some gymnasiums in London, Paris, Berne or Berlin. The most original aspect of these gymnastic practices is the fact that they are object of measured and calculated effects, which are producers of foreseeable and measurable forces. This new kind of physical work had a deep impact on existing models in spite of its modest origin, scarce diffusion and limited acknowledgment. There wasn't great enthusiasm nor a large scale spread nevertheless it greatly influenced the idea of physical work both at school and in the army.

KEY-WORDS: Gymnastic history; body history; measurable movements.

La invención de la gimnasia en el siglo XIX: nuevos movimientos, cuerpos nuevos

RESUMEN: Este artículo plantea la ruptura de la tradición de ejercicio físico a partir de una corriente surgida en Europa entre los años de 1810 y 1820; estamos ante una ruptura marcante, profunda, que inicia prácticas poco difundidas en aquel entonces, proponiendo una renovación total de la visión del cuerpo. Nos referimos a una propuesta de trabajo físico, inédita, propuesta en algunos gimnasios inaugurados en Londres, París, Berna o Berlín. Esa originalidad se acrecienta por ser los efectos de su accionar posibles de ser medidos y calculados, es decir productores de fuerzas previsibles y contabilizadas. Ese nuevo trabajo físico, a pesar de tener un origen modesto, una difusión limitada y un reconocimiento comedido, impacta en los modelos existentes. Su aparición no genera, ni gran entusiasmo, ni una difusión en gran escala, sin embargo sus efectos terminarían transformando las concepciones de trabajo físico en las escuelas y en las fuerzas armadas.

PALABRAS CLAVES: Historia de la gimnasia; historia del cuerpo; medición de movimientos.

REFERÊNCIAS

AMOROS, F. *Ginásio normal, militar e civil*. idéia e estado desta instituição no início do ano de 1821. Paris: 1821.

_____. *Manuel d'éducation physique, gymnastique et morale*. Paris: Roret, t. I, 1834 (1ère éd. 1830).

BAILLY; BIXO; MALPEYRE (Dir.). *Maison Rustique du XIX e Siècle*. Paris: t. 4, 1835.

BALZAC, H. de. Un ménage de garçons. In: BALZAC, H. de. *Oeuvres complètes*. Paris: 1867, t. I, 1841.

BLASIS, M. *Manuel complet de la danse*. Paris: 1830.

BUCHEZ; TRÉLAT. *Précis élémentaire d'hygiène*. Paris: 1825.

CLIAS, P.H. *Callisthénie ou somascétique naturelle*. Paris: 1843.

COURTIN, E. M. Manufactura. *Encyclopédie moderne*. Paris: t. 23, 1823.

DAUMIER, H. Les banquistes. In: DAUMIER, H. *Les Français peints par eux-mêmes, les provinces*. Paris: t. I, 1841.

DEFRANCE, J. *L'excellence corporelle, la formation des activités physiques et sportives modernes, 1770-1914*. Rennes: PUR, 1987.

DOCX. *Guide pour l'enseignement de la gymnastique des garçons*. Paris: 1875.

DUPIN, C. *Géométrie et mécanique des arts et métiers et des beaux arts*. Paris: t. 3, 1826.

FOURNIER-PASCAY, F.; BEGIN, L. Orthopédie. In: *Dictionnaires des Sciences Médicales*. Paris: t.12.

GÉRANDO, J. M. de. *Cours normal des Instituteurs primaires*. Paris: 1832.

GIGAULT DE LA BÉDOLLIÈRE, E. Les banquistes. In: DAUMIER, H. *Les Français peints par eux-mêmes, les provinces*. Paris: t.1, 1841.

GUILLERME, J. L'autonomie du moteur animé et les hésitations de la mesure. *Travaux et recherches en E.P.S.*, INSEP, n. 6, 1980.

HILLAIRET, J. B. *Raport à son Excellence le Ministre de l'instruction publique sur l'enseignement de la gymnastique dans les lycées, collèges, écoles normales et écoles primaires*. Paris: 1869.

JULIEN, M. A. *Esprit de la méthode de Pestalozzi*. Milan: 1812.

LATY, D. *Histoire de la gymnastique en Europe: de la Antiquité a nos jours*. Paris: PUF, 1996.

LAVOISIER, A. L. *Mémoires sur la respiration*. Paris: 1790.

MAEDER, A. *Manuel de l'instituteur primaires*. Paris: 1833.

MEUNIER, R. Éléments pour une histoire institutionnelle de l'éducation physique. *Travaux et recherches en E.P.S.*, Insep, n. 6, 1980.

PÉRON, F. *Voyage de découverte aux terres australes*. Paris: 1807.

SCIAGES; SCIERIES. In: Dictionnaire de l'industrie manufacturière, commercial et agricole. Paris: t. 10, 1843.

SIMON. *Traité d'hygiène appliquée à la jeunesse*. Paris: 1827.

SOÉTARD, M. *Pestalozzi*. Lausanne: Coeckelberghs, 1987.

SPIVAK, M. *Un homme extraordinaire, le colonel Francisco Amoros*. Paris: INS, 1970.

_____. Francisco Amoros y Ondeano. *Le corps en mouvement*. Toulouse: Privat, 1981, (Sob a direção de P. Arnaud).

VIGARELLO, G. *Passion sport, histoire d'une culture*. Paris: Textuel, 2000.

Recebido: 10 nov. 2002

Aprovado: 6 mar. 2003

Endereço para correspondência
École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS)
105 bd Raspail
75006 Paris - França